



## Sinal, Classificador e Ação Construída Em Libras: Um Estudo Sobre Consciência Linguística

Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira<sup>1</sup>; Carine Gurunga de Matos<sup>2</sup>;  
Thamires Oliveira de Souza Sampaio<sup>3</sup>

**Resumo:** A partir de resultados de dois trabalhos de pesquisas, que investigaram objetos inter-relacionados sobre a Libras, acerca da *natureza gramatical dos elementos linguísticos: sinal, classificador e ações construídas* (OLIVEIRA-SAMPAIO, 2020) e sobre *consciência sintática em Libras* (GURUNGA, 2020), discutimos sobre consciência linguística em falantes dessa língua, surdos e ouvintes, quanto à percepção de sinais em frases nas quais podem haver também classificadores e ações construídas. Tanto essas pesquisas quanto a discussão aqui realizada baseiam-se na Teoria Gerativa (CHOMSKY; 1995), no que diz respeito à verificação de aspectos sintáticos, e no modelo fonológico de línguas de sinais proposto por Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), na verificação de aspectos relativos à estrutura fonológica da Libras. Como conclusão, verificamos que classificadores e ações construídas podem ser confundidos com sinais, devido a certas características articulatórias e semânticas, o que é indicativo de um grau de consciência linguística médio ou baixo.

**Palavras-Chave:** Libras. Classificador. Ação Construída. Consciência sintática.

## Sign, Classifier and Constructed Action: A Study about Libras's Linguistic Awareness

**Abstract:** From the results of two research works, which investigated interrelated objects about Libras, concerning the grammatical nature of linguistic elements: *sign, classifier and constructed actions* (OLIVEIRA-SAMPAIO, 2020) and about *syntactic awareness in Libras* (GURUNGA, 2020), we discuss the linguistic awareness of sign language speakers, deaf and listeners, regarding the perception of signs in sentences in which there are also classifiers and constructed actions. Both these researches and the discussion made here are based on the Generative Theory (CHOMSKY; 1995), with regard to the verification of syntactic aspects, and the phonological model of sign languages proposed by Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), in some aspects related to Libras phonological structure. As a conclusion, we found that classifiers and constructed actions can be confused with signs, due to certain articulatory and semantic characteristics, which is indicative of a medium or low degree of linguistic awareness.

**Keywords:** Libras. Classifier. Constructed Action. Syntactic Awareness.

---

1 Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Linguística dessa universidade. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; e-mail: adriana.lessa@uesb.edu.br.

2 Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Especialista em Libras e Educação de Surdos pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela FAVENI; Graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Tradutora e Intérprete de Libras no Instituto Federal Baiano (IFBaiano); e-mail: cari.cc@hotmail.com

3 Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Especialista em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, pela Faculdade Integrada; Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela FAVENI; Graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atuando na graduação dessa universidade. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; e-mail: thamires1403@hotmail.com

## Introdução

O presente artigo tem por objetivo discutir a consciência linguística de falantes da Libras surdos e ouvintes, a partir da verificação do nível de percepção desses indivíduos sobre três elementos que comumente ocorrem na modalidade falada dessa língua, a saber: *senal*, *classificador* (CL) e *ação construída* (AC). A presente discussão toma como base alguns resultados das pesquisas de mestrado de Oliveira-Sampaio (2020) e Gurunga (2020).

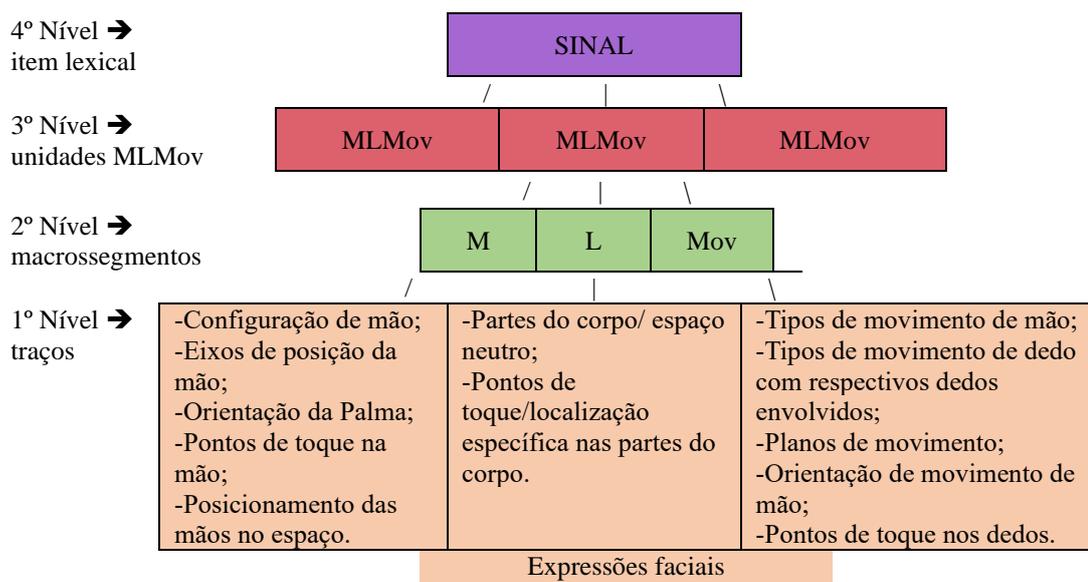
Considerando a caracterização desses elementos feita no primeiro trabalho e o grau de identificação dos sinais componentes de uma frase, verificado no segundo, procuramos analisar até que ponto certas características de CLs e ACs fazem com que esses elementos sejam confundidos com os sinais, no âmbito da estrutura de uma frase em Libras.

## Sinal, Classificador e Ação Construída

Como é amplamente conhecido, *senal* é o termo utilizado como referência ao que pode ser compreendido como o *item lexical*, ou a palavra, de línguas de sinais. A primeira definição de sinal, feita pelo linguista estadunidense Stokoe (1960), foi obtida com base na observação de elementos articulatórios desses itens lexicais na língua de sinais americana, a ASL (*American Sign Language*). Esse estudo embasou outras propostas que buscaram definir o conceito de sinal, também com base na sua estrutura articulatória, mas apresentando novas propostas de análise dessa estrutura, entre elas citamos a de Liddell e Jhonson (1976) e a proposta defendida por Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), a qual assumimos no presente artigo.

Lessa-de-Oliveira (2012; 2019) propõe um modelo fonológico para as línguas sinalizadas que pressupõe que o sinal apresenta uma estrutura articulatória composta em 4 níveis hierárquicos, conforme se expõe a seguir.

**Figura 1: Estrutura articulatória do sinal**



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 111)

Nesse modelo, conforme a autora, o 1º nível constitui-se de traços formantes do próximo nível. Esse nível equivale ao nível dos traços distintivos nas línguas orais. Para Lessa-de-Oliveira (2012; 2019) tais traços se encontram abaixo do que, em línguas de sinais, corresponde ao nível dos fonemas. Portanto, para a autora tais traços podem ser comparados aos traços formativos dos fonemas e não aos próprios fonemas. Diferentemente do que propõe a autora, na literatura, esses traços são comumente tratados como parâmetros e muitas vezes equiparados aos fonemas. Ao longo de suas pesquisas, Lessa-de-Oliveira (2012) identificou nesse primeiro nível novos traços: três eixos de posição da mão, três planos de movimento, tipo de movimento de mão, movimento de dedo e ponto de toque. No que diz respeito à *expressão facial*, a autora compreende que se trata de traços do primeiro nível e reconhece a importância desse traço na estrutura de determinados sinais; entretanto ela não o enquadra em nenhum dos macrossegmentos.

No 2º nível, temos o que a autora chama de macrossegmento, que se apresenta em três tipos, a saber: *Mão*(M), *Locação*(L) e *Movimento* (Mov). Os elementos desse nível é que podem ser correspondentes aos fonemas das línguas orais.

O 3º nível é o da unidade MLMov, que é composta pela junção dos macrossegmentos, correspondendo ao nível das sílabas. De acordo com Lessa-de-Oliveira (2019), em Libras essa unidade apresenta alguns tipos de combinações devido à possibilidade de ausência de dois macrossegmentos – Locação e Movimento – e à possibilidade de mais de uma ocorrência desses

dois macrossegmentos. Já o macrossegmento Mão não se ausenta nem ocorre mais de uma vez nessas unidades, mas pode variar, se se realiza com uma ou duas mãos.

Por fim, no 4º e último nível, o do sinal, ocorre o agrupamento das unidades MLMov (uma, duas ou três), constituindo-se, assim, o que é denominado de sinal. Em Libras, os sinais ocorrem na maior parte dos casos formados por apenas uma unidade MLMov, isto é, seriam monossilábicos. Mas, com menor frequência também encontramos sinais formados por duas ou três dessas unidades. Para exemplificarmos essas unidades temos os sinais escritos em SEL<sup>4</sup> a seguir:

- (1) MULHER (  $\begin{matrix} \text{J}^{\text{M}} \\ \cdot \\ \text{X}^{\text{Y}} \end{matrix}$  ) – formado por uma unidade MLMov, composta pelos macrossegmentos: M (  $\begin{matrix} \text{J}^{\text{M}} \\ \cdot \end{matrix}$  ), com os traços: mão configurada em *legal* (  $\text{J}^{\text{M}}$  ), no eixo *superior/palma para dentro* (  $\cdot$  ); L (  $\text{X}^{\text{Y}}$  ), com o traço: *bochecha* (  $\text{X}$  ); e Mov (  $\text{Y}$  ), somente com o traço: *retilíneo para frente* (  $\text{Y}$  ).
- (2) MÃE (  $\begin{matrix} \text{J}^{\text{M}} \\ \cdot \\ \text{X}^{\text{Y}} \end{matrix} \text{E}^{\text{U}} \end{matrix}$  ) – formado por duas unidades MLMov, a mesma do sinal MULHER + outra unidade (  $\text{E}^{\text{U}}$  ) composta pelos macrossegmentos: M (  $\text{E}^{\text{U}}$  ), com os traços: mão configurada em *esse* (  $\text{E}$  ), no eixo *medial/palma para frente* (  $\text{E}$  ); e L (  $\text{U}$  ), somente com o traço *boca* (  $\text{U}$  ).
- (3) MADRASTA (  $\begin{matrix} \text{J}^{\text{M}} \\ \cdot \\ \text{X}^{\text{Y}} \end{matrix} \text{E}^{\text{U}} \text{J}^{\text{L}} \end{matrix}$  ) – composto com as mesmas duas unidades de MÃE + uma terceira unidade (  $\text{J}^{\text{L}}$  ), formada pelos macrossegmentos: M (  $\text{J}^{\text{L}}$  ), com os traços: mão configurada em *ele* (  $\text{J}$  ), no eixo *medial/palma para trás* (  $\text{J}$  ); e Mov (  $\text{L}$  ), somente com o traço *tremura* (  $\text{L}$  ).

Além do sinal, observam-se mais dois outros tipos de elementos nos enunciados em Libras: o classificador (CL) e a ação construída (AC). A literatura apresenta discussões sobre CLs, procurando defini-los através de características que vão desde a sua função às formas, tamanhos e tipos. Já AC é um conceito mais recente, apresentado em estudos que procuram separar do rol de elementos comumente tratados como CL, um tipo específico de construção que se distancia em muitos aspectos do sinal e de outro grupo de elementos que fica com a denominação de CL. No entanto, apesar dos vários estudos já existentes acerca dos CLs, verificamos que nem o conceito de CL, referente ao que se encontra em línguas de sinais, está bem definido, tampouco o de AC. A esse respeito há autores que acreditam que “[...] o classificador não parece constituir-se como um mero recurso da gramática da língua de sinais,

4 Trata-se do Sistema de Escrita de Libras – SEL, criado por Lessa-de-Oliveira (2012), em projeto de pesquisa iniciado no ano de 2009, desenvolvido na UESB. Para maiores informações sobre esse sistema, consulte: <http://sel-libras.blogspot.com/> ou alguma das publicações sobre esse assunto.

mas está inserido no uso e no funcionamento dessa língua, fazendo parte das operações que o sujeito realiza com a linguagem” (GESUELI, 2009, p. 55).

Acreditamos haver, em análises como essa, ainda certa confusão entre a AC, que de fato pode estar para além da gramática, e o que de fato pode-se entender como CL, que seria, conforme ressalta Oliveira-Sampaio (2020), compreendido, de modo geral por autores que têm se debruçado sobre o tema, como um elemento gramatical de natureza morfêmica. Nessa linha de análise citamos autores como McDonald (1982, *apud* BERNARDINO, 2000, p. 93-95), para quem os sinais seriam multimorfêmicos, contendo unidades definidas semântica e estruturalmente; Felipe (2002), que trata o CL como certas configurações de mãos que funcionam como morfemas, as quais marcam certas características de um objeto nas línguas de sinais; Quadros e Karnopp (2004, p. 92-94), que afirmam terem os CLs distintas propriedades morfológicas que, por meio da configuração de mão, do movimento e da locação da mão podem especificar a qualidade de um referente; e Rodero-Takahira (2015) que assume, com base na Morfologia Distribuída, que os classificadores na Libras funcionam como morfemas categorizadores. Para essa autora todos os tipos de sinais com CLs têm um significado mais geral de ‘entidade’, podendo esse significado corresponder a uma pessoa, animal ou objeto.

Quanto às ACs, segundo Bolgueroni e Viotti (2013), essas são produzidas a partir da “demonstração, por meio de movimentos e posturas corporais e faciais, das ações de uma personagem como percebidas e conceitualizadas por um narrador” (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013, p. 24). Ou seja, a ação construída constitui-se como uma espécie de performance por parte do sinalizador, utilizando todo o corpo, trejeitos etc. para representar o personagem, como exemplificado na figura 2, onde vemos a AC da performance do bebê chorando.

**Figura 2: Ação Construída**



Fonte: Bolgueroni; Viotti (2013, p. 24).

Através da investigação de amostras naturalísticas de gêneros textuais como discursos religiosos, políticos, notícias jornalísticas e contação de fábulas, Oliveira-Sampaio (2020)

chega a dados que mostram que as ACs são um tipo de elemento que não ocorre em todo tipo de texto, restringindo-se, sobretudo, a gêneros narrativos como fábulas. Segundo a autora, as ACs não ocorrem exclusivamente em línguas sinalizadas, tendo nas línguas a função de organização do discurso. Entretanto, pelo fato de as ACs utilizarem o corpo e as expressões faciais, nas línguas orais, são mais fáceis de serem identificadas devido ao canal de comunicação, diferentemente das línguas sinalizadas, nas quais as ACs parecem se misturar com CLs e sinais devido a utilização do canal viso-espacial na produção da língua.

Explica Oliveira-Sampaio (2020), com base em Bolgueroni e Viotti (2013), que as ACs são compostas pelo que se denomina como *sub-rogado* (a representação de um personagem utilizando o corpo, ou parte dele), que se divide em dois tipos: sub-rogado visível e sub-rogado invisível. O primeiro é a representação (incorporação) do personagem sinalizado; o segundo é anúncio e representação do personagem na narrativa por meio da apontação ou direcionamento do olhar para certo ponto onde foi colocado um personagem anteriormente apresentado.

Oliveira-Sampaio (2020) traça os seguintes critérios de análise para definição de características desses três elementos encontrados em enunciados sinalizados: apresentam recorrência sintaticamente determinada ou não; são idiossincráticos ou convencionais; icônicos ou arbitrários; de natureza contínua ou de natureza discreta; não-estruturais ou estruturais; não-dependentes de aprendizagem ou dependente de processo de aquisição; sem inter-relação com sinais em complementação de frases e textos ou componentes da estrutura frasal. A partir desses critérios e com base em observação de dados experimentais e naturalísticos<sup>5</sup>, a autora diferencia esses três elementos, caracterizando-os da seguinte forma: o *signal* tem recorrência sintaticamente determinada, é convencional padrão, é simbólico/arbitrário, é constituído por unidades discretas<sup>6</sup> hierarquizadas (isto é, submete-se à propriedade da infinitude discreta), é estrutural, é dependente de processo de aquisição e é componente da estrutura frasal em nível lexical; o *classificador* tem recorrência relacionada a processos sintáticos morfêmicos, é convencional não-padrão, apresenta iconicidade em grau elevado, integra-se a estruturas constituídas por unidades discretas, é estrutural (sublexical), é dependente de processo de aquisição em nível mediano e é componente da estrutura frasal em nível morfêmico; e a *ação construída* tem recorrência restrita a certos gêneros textuais, é altamente idiossincrática, dependente da iconicidade em alto grau, é um contínuo sem limite definido, é não-estrutural,

---

5 Esse artigo não comporta a apresentação desses dados, os quais podem ser consultados na dissertação de Oliveira-Sampaio (2020).

6 Nas ciências exatas, esse termo é utilizado para expressar a individualização (discretização) de uma unidade contínua em unidades individuais (discretas).

dependente de aprendizagem em baixo nível e é susceptível à inter-relação com sinais em processo de complementação de frases e textos.

Pelas características articulatórias Oliveira-Sampaio (2020) verifica que os sinais, por sua natureza discreta, apresentam uma estrutura fonológica correspondente aos elementos da estrutura MLMov, conforme o que propõe Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), enquanto que as ACs, por sua natureza articulatória contínua, não se encaixam nessa estrutura fonológica. Já os CLs, como morfemas, podem ser identificados como pertencentes ao 2º ou 1º nível da estrutura MLMov, isto é, são elementos do nível dos macrosssegmentos e do nível dos traços formativos dos macrosssegmentos. Além disso, os sinais e CLs têm um papel sintático na frase, o que não ocorre com as ACs. Assim, para essa autora, enquanto sinais e CLs são elementos pertencentes à gramática de línguas sinalizadas, ACs estão em nível discursivo, compondo a linguagem sinalizada, até completando frases semanticamente, mas não fazem parte de gramática dessas línguas.

## **Consciência Linguística**

A definição desses três elementos encontrados em enunciados sinalizados é de fundamental importância na observação da consciência linguística dos falantes de língua sinalizada. É o que veremos a partir do estudo sobre consciência linguística em Libras que passamos a discutir.

Conforme Cielo (2001) a consciência linguística ou metalinguagem diz respeito à habilidade de refletir sobre a língua, tratando-a como objeto de análise e observação. Tal consciência linguística/metalinguagem pode estar relacionada a três diferentes níveis: o fonológico, o lexical e o sintático. A consciência lexical, habilidade de segmentar a fala em palavras; a consciência fonológica, capacidade de analisar a fala de acordo com os seus sons componentes; e a consciência sintática, relacionada à habilidade de refletir e manipular a estrutura das sentenças em um determinado enunciado. Em outras palavras:

A capacidade de refletir sobre a linguagem é conhecida como consciência metalinguística e se dá em vários níveis: consciência fonêmica (fonológica), consciência da palavra, consciência da forma, consciência pragmática. Enquanto as duas primeiras se referem à consciência de subunidades da língua, as últimas referem-se à habilidade de refletir sobre o significado e a aceitabilidade de unidades maiores da língua (sintagma, sentenças, textos) (KATO; MOREIRA; TARALLO, 1997, p. 27).

Com base nessas reflexões, observamos que a consciência linguística se constitui de acordo com os níveis de segmentação dos sistemas linguísticos. Nesse contexto, a consciência

pragmática e a sintática estão no topo dessa hierarquia, dependendo, conseqüentemente, dos subníveis morfológico e fonológico. Também observamos uma inter-relação entre esses níveis, na qual a consciência dos níveis mais altos e complexos, como o pragmático e o sintático, depende da consciência dos níveis mais baixos, a começar pelo fonológico.

Assim, dominar todas essas consciências leva o indivíduo para o estágio do conhecimento explícito, que é o conhecimento reflexivo e sistemático da língua de uma forma consciente, é conhecer e saber que conhece os princípios e regras que regulam a utilização em modalidade falada e escrita do sistema linguístico que usa.

A sintaxe é o nível linguístico que representa um sistema complexo, o qual controla as relações entre os elementos básicos dos sistemas linguísticos, neste caso, as palavras e os morfemas. Por isso, de acordo com a Teoria Gerativa, é no componente sintático que se revela o caráter gerativo das línguas, que é a capacidade de, a partir de itens finitos, gerar componentes infinitos.

Nas línguas orais, no que se refere à consciência sintática, há poucos estudos e testes propostos. No entanto, podemos assumir que desenvolver a consciência sintática é mostrar habilidades sobre: (1) as unidades estruturais da frase; (2) funções sintáticas; (3) classes de palavras; (4) processos de concordância; (5) distinção entre frases simples e complexas; e (6) sensibilização à ordem (DUARTE, 2008).

Partimos aqui, conforme mencionamos acima, da ideia de que a consciência sintática é um nível complexo de consciência linguística, que para ocorrer depende da constituição da consciência dos níveis abaixo – o morfológico e o fonológico, incluindo-se aí a percepção do item lexical no topo desses dois níveis, que são, na verdade, sublexicais.

Se ainda há poucos estudos sobre consciência sintática em línguas orais, no caso de línguas de sinais há bem menos. Além do fato de que estudos sobre as línguas de sinais serem muito recentes, ainda são pouquíssimos os estudos descritivos, aqueles que definem as categorias gramaticais dos sinais, bem como as funções sintáticas e as unidades frasais. A esse respeito o estudo de Oliveira-Sampaio (2020) traça, como vimos, um quadro interessante de características que diferenciam os três elementos acima mencionados – sinal, CL e AC –, os quais são constitutivos de enunciados sinalizados, seja em nível sintático ou não.

Procurando compreender qual o grau de consciência linguística, envolvendo esses três elementos em enunciados sinalizados, que falantes da Libras surdos e ouvintes apresentam, discutiremos alguns resultados da investigação sobre consciência sintática em Libras realizada por Gurunga (2020).

## Passos para a consciência linguística em Libras

Em pesquisa de caráter transversal e de cunho experimental, Gurunga (2020) elaborou e utilizou como instrumento de investigação da consciência sintática em Libras o *Teste de Consciência Sintática em Língua de Sinais* (TCSLS). Esse teste se compôs de cinco tarefas: (1) juízo de gramaticalidade através de leitura e produção de frases; (2) percepção da categoria verbal; (3) percepção do sinal como segmento sintático; (4) percepção da frase como segmento do texto; e (5) percepção da oração como segmento da sentença. Esse teste foi aplicado, aos informantes surdos e ouvintes, antes e depois de uma etapa pedagógica de ensino da escrita SEL, com o objetivo de verificar se haveria diferença no nível de consciência sintática sobre a Libras, antes e depois do aprendizado de um sistema de escrita dessa língua.<sup>7</sup>

Pela limitação do espaço neste artigo e pelo foco nos três elementos mencionados, encontrados comumente em enunciados sinalizados, trataremos aqui apenas da tarefa 3 desses testes. Essa tarefa objetivou investigar se os falantes de Libras, surdos e ouvintes (dois subgrupos compostos por seis componentes: surdos-informantes – S. INF e ouvintes-informantes – O. INF), conseguiriam contabilizar os itens lexicais das sentenças apresentadas em Libras, distinguindo sinais de CLs e de ACs.

Os *corpora* desse estudo se constituíram das respostas a tarefas do referido teste, realizadas em material impresso, utilizando-se de imagens representativas dos sinais da Libras, montadas numa cartilha individual para cada informante, em que cada tarefa trouxe alternativas de múltipla escolha, ou de resposta única. Para análise e apresentação dos resultados, a autora utilizou a escrita SEL para transcrição dos vídeos em Libras, acompanhada de glosas e uma versão em Português. A tarefa 3 foi apresentada em vídeos retirados do IALS - Instrumento de Avaliação da Língua de Sinais (QUADROS; CRUZ, 2011).

### A tarefa 3 do TCSLS - Contagem de Sinais

A tarefa 3 do TCSLS objetivou testar a variável dependente ‘identificação do sinal como item lexical dentro da estrutura sintática’. A autora considerou como hipótese nessa tarefa que, na aplicação do teste antes do ensino da escrita SEL, os informantes iriam contar, como sinal,

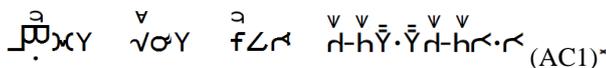
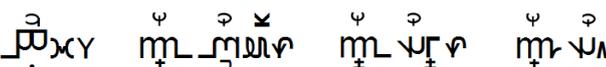
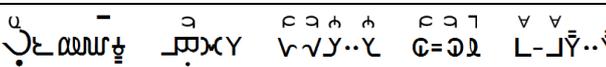
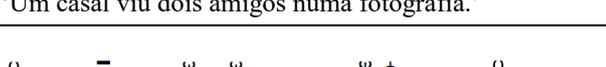
---

<sup>7</sup> Esse curso foi oferecido a 24 pessoas, dentre elas os sujeitos-informantes dessa pesquisa, a saber: 6 surdos, com idade entre 19 a 31 anos, com escolarização do ensino médio incompleto à graduação incompleta; e 6 ouvintes com idade entre 22 a 48 anos, com escolarização da graduação completa à especialização. O curso do SEL compreendeu uma carga horária de 40 horas, distribuída em três meses, com três encontros presenciais de 8h e o restante da carga horária realizada como atividades assíncronas via internet, acompanhadas por tutores.

todos os itens lexicais articulados como unidades MLMov, bem como os CLs e ACs, embora as ACs não se articulem como estrutura MLMov nem desempenhem função sintática dentro da estrutura frasal, como os sinais, e os CLs constituam-se como elementos sublexicais, que apresentam um alto grau de iconicidade e variação, confundindo-se por isso, muitas vezes, com ACs. Já para os resultados da reaplicação do teste, após o ensino da escrita SEL, a expectativa da autora foi a de que haveria aumento do nível de consciência sintática em algum grau.

Essa tarefa do teste foi executada, conforme Gurunga (2020), da seguinte forma: foram apresentadas diversas frases para o informante contar quantos sinais ele consideraria haver em cada frase. Como controle de variável independente, houve o cuidado de selecionar frases contendo sinais simples, compostos, CL e AC. Essas frases em Libras foram exibidas, em vídeos, para os informantes. No quadro a seguir apresentamos as transcrições dessas frases em SEL, acompanhadas das respectivas glosas e versão em Português. A partir da transcrição em SEL a autora fez a análise dos elementos componentes no enunciado, identificando a presença de sinais, CLs e ACs.

**Quadro 1: Frases da tarefa 3 (IALS)**

|          | Frases testadas   | Nº de sinais |
|----------|---|--------------|
| Frases 1 | <br>MULHER V[er] FLOR[es] CLzêESPALHAD[a]S AC1<br>‘A moça viu flores espalhadas e as arrancou.’  | 4            |
| Frases 2 | <br>MENIN[o] BICICLET[ar]intensificador CLzêPASS[ar]intensificador<br>‘O menino pedalava velozmente e passou rapidamente.’   | 3            |
| Frases 3 | <br>MULHER DESENH[ar] PINT[ar] ASSIN[ar]<br>‘A mulher desenhou, pintou e assinou.’   | 4            |
| Frases 4 | <br>HOMEM MULHER V[er] FOTO QUADRO ESSES^DOIS AMIG[os]<br>ESSES^DOIS<br>‘Um casal viu dois amigos numa fotografia.’  | 7            |
| Frases 5 | <br>HOMEM ESTUD[ar] ANOT[ar] AMIG[o] CLzêV[ir] AC2 CLzê[ir]<br>DESPED[ir]-SE<br>‘O rapaz estudava, anotava, quando um amigo chegou, saiu rapidamente e ele se despediu.’ | 7            |

|          |  |   |
|----------|--|---|
| Frase 6  | <br>HOMEM SOFÁ SENT[ar] TELEVISÃO AC3<br>'Um homem senta numa poltrona e assiste TV.'  | 4 |
| Frase 7  | <br>HOMEM DIRRIG[ir] CLzê[ir]<br>'O homem vai dirigindo.'  | 3 |
| Frase 8  | <br>HOMEM L[er] LIVRO L[er]<br>'O homem lendo uma revista.'  | 4 |
| Frase 9  | <br>HOMEM MERGULH[ar] NAD[ar]<br>'O homem mergulha e nada.'  | 3 |
| Frase 10 | <br>PAI AC4 EL[e] [Det] MENIN[o] DEITAD[o] AC5 DESPED[ir]-SE DORM[ir]<br>'O pai abre a porta vagarosamente e olha carinhosamente o menino deitado, que puxa um lençol para se cobrir, dá tchau e dorme.' | 6 |

**Legenda das ações construídas:**

- AC1 – Simulação do ato de arrancar as flores uma a uma, juntando-as nas mãos.
- AC2 – Expressão de alegria ao ver alguém.
- AC3 – Simulação de alguém sentado em um sofá com seus braços repousando nos braços da poltrona, assentindo TV.
- AC4 - Simulação de alguém abrindo uma porta vagarosamente e olhando carinhosamente o que está depois da porta.
- AC5– Simulação de alguém que, deitado, puxa um lençol para se cobrir.

Fonte: Adaptado de Gurunga (2020, p.70).

A fim de realizar, na tarefa 3 do TCSLS, a medição do grau de percepção ou não, pelos informantes, do sinal, diferenciando-o da ACs e CLs, Gurunga (2020) levou os informantes a contar os sinais de cada uma das 10 frases apresentadas e informar o número de sinais contados. Para definir o que é sinal nesses enunciados, a autora valeu-se dos critérios fonológicos e sintáticos. Assim todos os elementos que apresentam uma estrutura MLMov, e por isso puderam ser transcritos em SEL, e que ocupam uma posição sintática na frase foram considerados sinais, isto é, itens lexicais componentes da estrutura dessas frases em Libras.

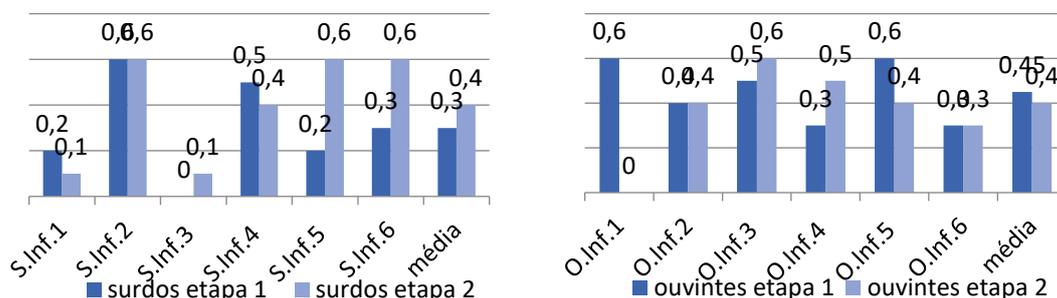
Quanto aos CLs, esses foram identificados nessas frases como a configuração de mão em zê (CLzê – dedo indicador posicionado verticalmente e os demais fechados). Observou-se a ocorrência de CLzê nos vídeos 1, 2, 5 e 7, correspondendo a *flores*, no vídeo 1, e a *pessoa* nos demais vídeos. É importante ressaltar que os sinais que apresentaram CLs, nessas frases ( CLzêESPALHAD[as], CLzêPASS[ar]intens., CLzêV[ir], CLzê[ir] e CLzê[ir] ), não apresentaram a característica *convencional padrão*, indicada por Oliveira-

Sampaio (2020) para sinal. Nesse aspecto, esses sinais assumem a característica do morfema classificador que carregam, tornando-se *convencionais não-padrão*. Assim, podemos dizer que  $\overset{\vee}{\text{r}}\text{-}\overset{\vee}{\text{h}}\overset{\vee}{\cdot}\overset{\vee}{\text{Y}}\overset{\vee}{\cdot}\overset{\vee}{\text{r}}\overset{\vee}{\text{-}}\overset{\vee}{\text{h}}\overset{\vee}{\cdot}\overset{\vee}{\text{r}}\overset{\vee}{\cdot}\overset{\vee}{\text{r}}$  ( $\text{CLzê}$ ESPALHAD[as]), embora possa ser considerado um sinal por possuir estrutura fonológica MLMov e por ocupar uma posição sintática adjetival na frase, não podemos assumir que essa seja uma forma padrão para esse adjetivo, que pode variar conforme o conteúdo semântico do CL. O mesmo se observa nos demais sinais. O sinal IR, por exemplo, cuja forma padrão ( $\overset{\wedge}{\text{h}}\overset{\vee}{\text{r}}\overset{\vee}{\text{Y}}$ ) apresenta a configuração de mão *zê* no *eixo superior invertido/palma para trás*, ocorre com alteração desses traços, apresentando *eixo superior/palma para frente*, na frase do vídeo 5 ( $\overset{\vee}{\text{h}}\text{-}\overset{\vee}{\text{r}}\text{CLzê}$ [ir]), e *superior/palma para trás*, na frase do vídeo 7 ( $\overset{\vee}{\text{h}}\overset{\vee}{\text{Y}}\text{CLzê}$ [ir]). Há também nesses sinais alteração nos movimentos, mas que não estão relacionadas ao morfema CL.

As ACs estão presentes nos vídeos 1, 5, 6 e 10. Os trechos considerados ACs apresentam-se nesses exemplos (Ver legenda no quadro 1) como um contínuo sem limite definido, são não-estruturais porque não ocupam posições dentro da estrutura sintática, apesar de apresentarem inter-relação com sinais, pois estão complementando semanticamente as frases.

No gráfico a seguir, observamos o desempenho dos informantes surdos e ouvintes nessa tarefa, comparando os resultados da etapa 1 (aplicação do teste, antes do curso SEL) e da etapa 2 (reaplicação do teste, depois do curso SEL).

**Gráfico 1: Resultados do da tarefa 3 do TCSLS: percentual de contagem exata dos sinais pelos grupos de S. Inf e O. Inf, nas Etapas 1 e 2**



Fonte: Das autoras

Esse gráfico, que construímos a partir dos dados Gurunga (2020), mostra que tanto os S. Inf quanto os O. Inf obtiveram no máximo 60% de acertos na contagem exata dos sinais das 10 frases observadas nos vídeos. Na média, os ouvintes se saíram um pouco melhor que os surdos, na etapa 1, obtendo 45% de acertos, enquanto os surdos obtiveram 30%. Entretanto, os

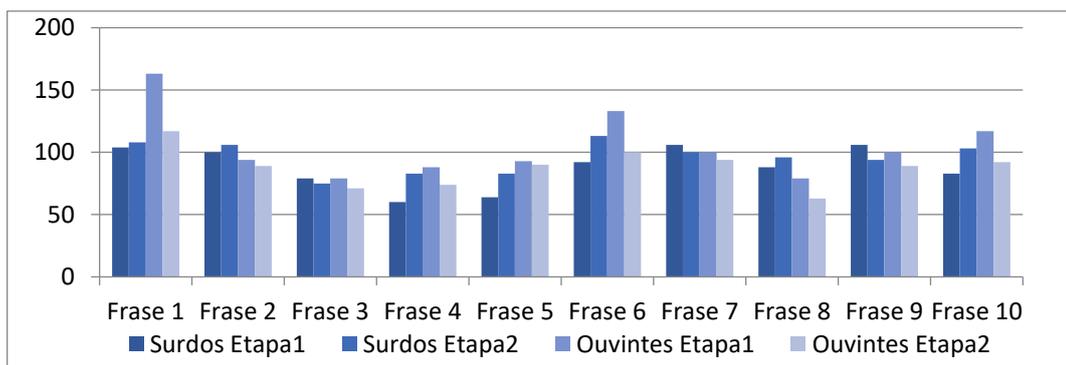
surdos obtiveram maior crescimentos que os ouvintes na etapa 2, pois aumentaram a média de acertos da quantidade exata de 30% para 40%; 3 dos 6 S. Inf aumentaram seus índices, e os que obtiveram 60% de acertos nesse grupo passou de 1 para 3 informantes. Já os ouvintes reduziram a média de acertos das quantidades exatas de sinais de 45% para 40%, apenas 2 dos 6 O. Inf aumentaram seus índices de acertos, caindo de 2 para 1 os informantes que obtiveram 60% de indicação da quantidade exata de sinais. Chama-nos a atenção os dados do O. Inf.1 que passou de 60% de acertos na etapa 1 para 0% na etapa 2, pois esse informante, por algum motivo, reduziu a contagem de sinais em todas as frases, indicando para todas uma quantidade inferior ao número de sinais que de fato ocorreram nessas frases.

A partir desses dados, Gurunga (2020) observa que os informantes surdos e ouvintes apresentaram, nas etapas 1 e 2, um grau de percepção do sinal como item lexical dentro da estrutura sintática de mediano abaixo (30% em média). A autora observa que os S. Infs, na etapa 2, também aumentaram os índices de contagem com indicação de um número superior ao que realmente ocorreu nas frases, passando de 15% a 23%, enquanto que as indicações de quantidade inferir de ocorrência sinais nas frases caiu de 55% para 37%. Ou seja, o estudo de uma escrita baseada na estrutura MLMov interferiu positivamente na observação dos sinais, provavelmente pela percepção fonológica, que naturalmente vem antes da sintática. Essa observação da estrutura fonológica, através da aprendizagem de uma escrita de sinais fonêmica, levou os surdos a uma tendência de maior observação e contagem dos sinais.

Quanto aos ouvintes, verificou-se, nesse grupo, uma tendência, na etapa 2, de diminuição geral dos números apresentados como quantidade de sinais em cada frase, resultando no aumento do índice ‘quantidade inferior’, que passou de 30% para 47% (enquanto que ‘quantidade superior’ passou de 25% para 13% e a indicação de ‘quantidade exata’ passou de 45% para 40%). Para Gurunga (2020), uma explicação para essa tendência seria o fato de os O. Infs descobrirem que os sinais têm uma estrutura articulatória específica e que, por isso, elementos como CLs ou ACs podem ser confundidos com sinais. Ou seja, a autora está considerando a possibilidade de que os ouvintes tenham, pela percepção desse aspecto, assumido um comportamento tímido nessa tarefa do TCSLS, na etapa 2.

Olhando agora para o que ocorreu na contagem de sinais de cada frase pelos dois grupos de informantes, vamos verificar o que mostra o gráfico a seguir, o qual indica os percentuais de contagens de sinais nas frases da tarefa 3 do TCSLS nas etapas 1 e 2, dos grupos S. Inf e O. Inf. Nesse gráfico as colunas em 100% ou próximas a esse percentual indicam que o grupo pelo menos se aproximou do número de sinais exato de cada frase. As colunas que passam de 100 indicam, em média, que foram apontadas quantidades superiores e abaixo dessa marca, que foram apontadas quantidades inferiores ao número real de sinais existentes nas frases.

**Gráfico 2: Resultados da tarefa 3 do TCSLS, sobre ‘percepção do sinal como segmento sintático’ pelo grupo de O. Inf (Etapas I e II)**



Fonte: Das autoras

Vemos no gráfico que as frases 1, 6 e 10 foram as que mais apresentaram índices de ‘quantidade superior’ ao número de sinais da frase, sobretudo nos dados dos O. Infs. Gurunga (2020) aponta como um dos fatores causadores desse resultado o fato de CLs e ACs serem confundidos com sinais por integrarem a estrutura semântica ou o contexto pragmático, sem fazerem parte do contexto sintático. Na frase 1, por exemplo, observamos que o sinal  $\overset{\vee}{\text{r}}-\overset{\vee}{\text{h}}\bar{\text{Y}}\cdot\bar{\text{Y}}\overset{\vee}{\text{r}}-\overset{\vee}{\text{h}}\bar{\text{r}}\cdot\bar{\text{r}}$  ( $_{\text{CLzê}}\text{ESPALHAD[a]S}$ ), que traz um morfema CL que marca também o plural, além da entidade *flor*, foi contado como mais de um sinal (2, 3, 4 ou 5 sinais) por alguns informantes<sup>8</sup> (as 4 ocorrências da configuração de mão em *Zê* –  $\text{r}$  realizada pela mão esquerda e  $\text{h}$  realizada pela mão direita – no eixo *superior, palma para trás* –  $\vee$ ). No entanto, pela posição sintática que ocupa e pela estrutura articulatória, constituída por duas unidades MLMov, compostas pelos macrosegmentos M e Mov apenas (1ª unid.  $\overset{\vee}{\text{r}}-\overset{\vee}{\text{h}}\bar{\text{Y}}\cdot\bar{\text{Y}}$ ; 2ª unid.  $\overset{\vee}{\text{r}}-\overset{\vee}{\text{h}}\bar{\text{r}}\cdot\bar{\text{r}}$ ), verificamos que se trata de um sinal, que podemos entender como *sinal classificador*, considerando a concepção de Rodero-Takarira (2015). E as outras duas frases, 6 e 10, apresentam ACs cobrindo parte da narrativa, que parecem ter sido contadas como sinal, sobretudo pelos ouvintes, na etapa 1. A AC2, que ocorre na frase 5, não é uma parte do relato de ações, por isso parece não ter sido contada como sinal não elevando o número de sinais indicados para essa frase.

<sup>8</sup> Para essa frase, que tem 4 sinais, houve surdos que indicaram 5 e 6 sinais e ouvintes que indicaram 7, 8 e 9 sinais. Também houve indicações de quantidades inferiores a 4 (1, 2 e 3 sinais). Apenas 1 surdo e 1 ouvinte indicaram, na etapa 2, 4 sinais.

## Conclusão

Partindo da caracterização de Oliveira-Sampaio (2020), sobre *senal* como elemento lexical constitutivo da estrutura sintática em Libras, CL como elemento morfêmico (sublexical) e AC como performance não gramatical, mas constitutiva da linguagem sinalizada, que pode complementar semanticamente frases e textos em Libras, analisamos os resultados de uma das tarefas do Teste de Consciência Sintática em Línguas de Sinais, realizado por Gurunga (2020) com falantes de Libras surdos e ouvintes, antes e depois de um curso de escrita SEL. Nossa perspectiva foi verificar se certas características de CLs e ACs levam falantes de Libras a confundir esses elementos com os sinais, no âmbito da estrutura da frase nessa língua, a depender do nível de consciência linguística desses indivíduos.

Os resultados da tarefa 3 do TCSLS, realizado por Gurunga (2020), demonstram que CLs e ACs foram provavelmente contados como sinais, indicando um nível de mediano abaixo de consciência linguística desses informantes, de modo geral, nas duas etapas do teste. Entretanto, em ambos os grupos verificamos um efeito do curso de escrita SEL, significando que a aprendizagem sobre um sistema de escrita baseado na estrutura fonológica MLMov contribuiu para a percepção fonológica dos sinais. Nos surdos o efeito foi de aumento claro da percepção dos sinais. Já os ouvintes, que haviam apresentado números mais elevados, na primeira etapa, incluindo muitos CLs e ACs ou partes de ACs na contagem dos sinais, fizeram uma contagem tímida na segunda etapa, o que é indício também de ampliação da consciência linguística uma vez que passaram a se preocupar em não indicar como sinal elementos que poderiam não sê-lo.

Por fim, podemos dizer que a consciência linguística parece seguir um caminho em que a percepção sintática se apoia na fonológica. Assim, percebemos, nos resultados da tarefa 3 desse teste, passos de ganho de consciência linguística que se iniciam pela percepção fonológica.

## Referências

BERNARDINO, E.; BASTOS, S.; MARTINS, D.; MOURA, J. **A ação construída na libras conforme a linguística cognitiva.** (No plero). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2020.

BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. Referência Nominal em Língua Brasileira de Sinais (Libras). **Todas as Letras**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 15-50, 2013.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. MIT Press, 1995.

CIELO, C. A. **Habilidades em consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

DUARTE, I. **O conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística**. Ministério da Educação. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa. 2008.

FELIPE, T. **Sistema de flexão verbal na libras**: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. Anais do Congresso Nacional do INES, 2002.

GESUELI, Z. A. Narrativa em língua de sinais: um olhar sobre os *classificadores*. In: **Estudos Surdos IV**. Ronice Müller de Quadros e Marianne Rossi Stumpf (organizadoras). – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2009.

GURUNGA, C, M. **Consciência Sintática da Libras em Falantes Surdos e Ouvintes**. 2020. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Vitória da Conquista. 2020.

KATO, M; MOREIRA, N. TARALLO, F. **Estudos em alfabetização**: retrospectivas nas áreas da Psico e da Sociolinguística. Campinas: Pontes, 1997.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. **Libras escrita**: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL (Libras articulatory components and SEL writing). **Estudos da Língua(gem)**, v. 17, n. 2, p. 103-122, jun. 2019. ISSN: 1982-0534. doi: doi.org/10.22481/el.v17i2.5338. Disponível em:

<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5338>. Acesso em: 1 set. 2020.

LIDDELL, S, K.; JOHNSON, R, E. “**American Sign Language: The Phonological Base**” Sign Language Studies 64, pp. 197–277, 1989.

OLIVEIRA-SAMPAIO, T, S. **A natureza gramatical da Libras adquirida por surdos e ouvintes: sinal, classificadores, ações construídas e gestos**. 2020. 174 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Vitória da Conquista. 2020.

QUADROS, R; CRUZ, C. **Língua de sinais - instrumentos de avaliação**. Porto Alegre:

ARTMED, 2011. 159 p.

QUADROS, R; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODERO-TAKAHIRA, A. **Compostos na língua de sinais brasileira**. 2015. 161 f. Tese (Doutorado) – Curso de Linguística, Universidade de São Paulo, 2015.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf**. New York: Buffalo University, 1960.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso; GURUNGA, Carine Matos; OLIVEIRA-SAMPAIO, Thamires. Sinal, classificador e ação construída em Libras: Um estudo sobre consciência linguística. Id on Line Rev.Mult. Psic., Fevereiro/2021, vol.15, n.54, p. 233-249. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 11/01/21;

Aceito: 19/01/21.